

VISÃO DO CORREIO

O alerta da água: o Brasil está secando

Nas cidades, moradores sofrem com fenômenos típicos do fim da estação de estiagem, como níveis críticos de umidade que afetam a saúde, o incômodo das altas temperaturas e os incêndios — favorecidos pelas duas condições anteriores e que tornam a qualidade do ar ainda mais sufocante. No campo, habitantes encaram a seca que faz minguar lavouras, emagrece o gado e reduz a água disponível até para o consumo humano. Enquanto brasileiros dessas duas realidades consultam o céu ou a meteorologia e torcem ou imploram pela chegada da chuva, um outro drama, silencioso e muito mais preocupante, avança seca após seca: os recursos hídricos do país estão encolhendo.

Analisando a realidade do ano anterior, o MapBiomas — uma rede global formada por universidades, ONGs e empresas de tecnologia, que, há uma década, monitora transformações na cobertura vegetal, hídrica e no uso da terra — alerta que 2024 manteve a realidade de redução na superfície de água do país, já registrada em anos anteriores, em tendência observada a partir de 2009 e só quebrada desde então em 2022. Pior: segundo a plataforma, oito dos 10 anos mais secos de toda a série histórica estudada, a partir de 1985, ocorreram na última década.

A constatação é que dinâmicas de ocupação e uso da terra, associadas a eventos climáticos extremos ligados ao aquecimento global, estão servindo recursos hídricos do país, como observou Juliano Schirmbeck, coordenador técnico do MapBiomas Água. E isso vem ocorrendo em uma velocidade assustadora. Depois de perder, em 2023, uma superfície de água de 571 mil hectares, uma área do tamanho do Distrito Federal, o país viu o seu conjunto de recursos hídricos ser drenado em mais 400 mil hectares, área que supera em duas vezes e meia a da cidade de São Paulo, com base em dados da rede multidisciplinar.

A exemplo do que ocorreu no Pantanal

mato-grossense, que em 2024 foi o bioma que mais perdeu superfície de água em relação à média histórica, com recuo de impressionantes 61%, segundo a rede, menos áreas alagadas representam mais espaço para que o fogo ganhe terreno. Mais solo calcinado pelas chamas, por sua vez, significa menor permeabilidade e menos recursos hídricos realimentando o lençol freático, o que impulsiona um ciclo perverso de degradação.

Ao mesmo tempo em que os recursos naturais encolhem, a demanda por água, seja nas grandes cidades, seja na indústria, seja no agronegócio, tende a se manter continuamente na direção contrária, apontando para uma combinação insustentável. Essa realidade exige soluções cuja busca não pode mais ser adiada, sob ameaça de situações como a crise hídrica de 2014/2015, que afetou drasticamente o abastecimento em metrópoles como São Paulo e Belo Horizonte, sem mencionar o potencial de impacto sobre ecossistemas e sobre setores como a geração de energia e a segurança alimentar.

A 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), que será realizada no próximo mês, em Belém (PA), representa mais uma janela de oportunidade para enfrentar o tema. De fato, a água promete ser um dos principais tópicos de discussão da cúpula. O que se espera — e se faz urgente — é que o assunto não se limite a discursos, números e exposições alarmantes, sem se transformar em ações práticas com alcance capaz de reverter o quadro atual.

Para além das discussões diplomáticas e governamentais, porém, a gestão de recursos hídricos precisa ser, tanto quanto uma cobrança diária, uma agenda abraçada por toda a sociedade. Consumo consciente da água, diminuição do desperdício, redução do uso de poluentes e outras atitudes de poupança e preservação são providências que devem partir de cada cidadão. Não dependem de governos nem da COP30. Podem, e devem, começar hoje.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Impunidade jamais

Não há sentido a violência que o Congresso Nacional pretende impor à sociedade brasileira ao colocar na pauta do dia a possibilidade de anistiar e reduzir a pena para o ex-presidente Jair Bolsonaro e manter o mandato do deputado Eduardo Bolsonaro. Impossível esquecer a violência que esse grupo bolsonarista impôs aos brasileiros durante a pandemia de covid-19. O negacionismo dos bolsonaristas, a inércia e a rejeição das vacinas e o deboche com as vítimas e tantas outras sequelas sociais e econômicas ainda não cicatrizadas em milhões de lares não podem ser ignorados. Impossível negar a vilania do governo passado com o povo brasileiro. Decisões sórdidas carimbaram a história recente do Brasil. O último capítulo da macabra gestão foi a tentativa de golpe militar, a fim de ressuscitar a ditadura. Deixar esse clã do horror e todos os seus integrantes e apoiadores impunes significaria queimar uma história de luta da sociedade brasileira por um país democrático e rasgar uma Constituição elaborada com a participação popular. O atual desejo de boa parte do Congresso de rever as penas e preservar benesses para um deputado que abandona o mandato para conspirar contra a economia brasileira é ato espúrio e descafével. A legislação vigente deve ser preservada e cumprida contra os deturpadores da Constituição Cidadã. Impunidade jamais.

» **Allfredo Gomes**
Paranoá

Democracia

Hugo Chávez, Donald Trump e Jair Bolsonaro, em contextos distintos, buscaram subverter a relação tradicional entre o Executivo e as Forças Armadas, substituindo a lealdade institucional por uma lealdade pessoal. Chávez adotou uma estratégia estrutural, integrando os militares ao seu projeto de Estado. Trump usou uma abordagem pragmática e performática, tratando a cúpula militar como sua corte pessoal. Bolsonaro, por sua vez, aplicou um método híbrido: promoveu uma ocupação política de cargos-chave com militares da ativa e da reserva, buscando instrumentalizar a instituição para seu projeto de poder e blindagem política. Não conseguiu. Os três casos demonstram que a saúde de uma democracia é medida pela capacidade de suas Forças Armadas de

resistirem à cooptação e manterem-se fiéis à Constituição, e não a um líder.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**
Santos (SP)

Contra o racismo

Nossa Senhora, Mãe Aparecida, tu és uma negra bela e imaculada, que vieste ao Brasil salvar as vidas de tantos pobres, que não têm mais nada. Senhora do Brasil, és Mãe querida, que nos protege na feliz cruzada, contra o racismo cruel e sem guarida, nas consciências já civilizadas. Senhora Mãe de Deus, tua pele preta revela aos habitantes do planeta que os negros são iguais aos de brancura. E, assim, Senhora negra, nas sarjetas, vivem brancos e pretos, sem suspeitas de que devem ser salvos com ternura.

» **Souza Prudente**
Brasília

Desencontro

Enquanto um punhado de empresas (e de empregos) surfa na onda da chamada 4ª Revolução Industrial, a esmagadora maioria da população permanece distante dessas inovações. A economia do conhecimento, mesmo nas sociedades mais ricas e educadas, tornou-se um arquipélago de ilhas alheias ao teor principal da vida econômica que as cerca. O desencontro entre desenvolvimento econômico e justiça social revela um modelo de progresso que acumula riqueza, mas falha em distribuir oportunidades de forma equitativa. Musicalmente, Baiano e Os Novos Caetanos — dupla criada nos anos 1970 pelos comediantes Chico Anysio (1931-2012) e Amaud Rodrigues (1942-2010) — simbolizaram, com humor e crítica, a contradição entre a modernidade aparente e a exclusão persistente: "Urubu tá com raiva do boi/E eu já sei que ele tem razão/É que o urubu tá querendo comer/Mas o boi não quer morrer/Não tem alimentação". Combater as desigualdades não é apenas um imperativo ético em torno de valores centrais, como a liberdade, a autonomia e a dignidade humana. É também o meio mais promissor de estimular a inovação e colocar a economia do conhecimento a serviço do desenvolvimento sustentável.

» **Marcos Fabrício**
Asa Norte

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Lula anuncia medida para facilitar acesso à casa própria para a classe média. É a mesma estratégia para endividar o povo. Isso aconteceu em 2006 e 2007.

Walmerson Alves — Alexânia (GO)

Não adianta crédito com juros altos. Não adianta crédito se os preços dos imóveis estão nas alturas. Isso é estímulo à especulação!

Maurício Araújo — Brasília

O governo arrecada mais impostos com o uso do transporte particular, por que, então, melhorar o transporte público? Mais carros e motos, maior a arrecadação de IPVA e de ICMS sobre os combustíveis.

Hermes Cavalcante — Brasília

O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, patrimônio da humanidade, queima no país que é sede da COP30. É o Cerrado brasileiro precisando de mais atenção.

Marcos Gomes Figueira — Sudoeste

Acordos de paz não significam nenhuma paz. Basta examinar os acordos passados. Ninguém garante que se chegou mesmo à paz na Faixa de Gaza. É esperar para ver..

Noel Samways — Curitiba (PR)

Seleção Brasileira: esse grupo de hoje já parece ser uma seleção a nível de Copa do Mundo!

Gilvan Carvalho Júnior — Rio de Janeiro

Padre se recusa a rezar pela alma de Odete Roitman. Em um país em que queriam batizar e leva ao médico os bebês reborn, nada mais me surpreende

Carlos Cesar Vieira — Uberlândia (MG)



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

Uma ausência injustificada

A julgar pelo número pífio de finalistas do sexo feminino no prêmio Jabuti, o mais popular de literatura no Brasil, não somos um país de escritoras. Na categoria Romance Literário, não há uma sequer, o que se repete em Escritor Estreante de Romance. Na premiação organizada pela Câmara Brasileira do Livro, apenas uma mulher figura entre os cinco concorrentes em Conto e nenhuma está entre os inscritos em Crônica.

Curiosamente, em Iniciativas de Fomento à Leitura, todas as incentivadoras desse hábito — que, como bem lembrou a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), é uma das principais armas de resistência — são, ora, vejam, mulheres.

Na história recente da produção literária brasileira, vez por outra tentam apagar as mulheres. Chega a ser vergonhoso o que se fez com a jornalista e escritora Júlia Lopes de Almeida, que, em 1897, esteve entre os idealizadores da Academia Brasileira de Letras (ABL). Devido a seu gênero, ficou impedida pela panelinha de ser uma imortal.

Mesmo que seus contos, crônicas, romances e peças de teatro figurassem entre os mais publicados e lidos da Primeira República, colegas como Machado de Assis, Olavo Bilac e Artur Azevedo vetaram o nome de Almeida da lista. Talvez como prêmio de consolação, incluíram o marido dela, o jornalista Filinto de Almeida,

que reconheceu a manobra dos Acadêmicos. "Era ela, não eu, quem deveria estar lá", disse.

Assim, a primeira a pisar na sede da ABL na condição de imortal foi Rachel de Queiroz, 80 anos depois da fundação da agremiação de autores. Desde então, poucas mulheres tiveram a honra de vestir o fardão de ouro.

A injustiça sofrida por Júlia Lopes de Almeida parece se repetir agora na escolha dos finalistas do Jabuti. Nomes mais do que frequentes na premiação (todos homens, claro) ocupam lugares onde poderiam estar escritoras como Julia Dantas, Juliany Aparecida, Ana Paula Maia, Natalia Borges Polleso e Mariana Salomão Carrara, que, entre muitas outras excelentes autoras brasileiras, lançaram obras em 2024, como requer o prêmio.

É claro que o Jabuti já premiou muitas mulheres, inclusive algumas das citadas acima. Também não creio que a ausência feminina na edição deste ano seja proposital (é pior, é estrutural). Embora longe de ser a única premiação literária brasileira, essa é, porém, a mais popular, conhecida mesmo por leitores não tão usuais, oferecendo uma oportunidade de divulgar autores para um público extenso.

Perdem as escritoras, perde, principalmente, a literatura brasileira.

CORREIO BRAZILIENSE

"Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houera, lá chegara"
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp

*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.
Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131



D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h / domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.uudapress.com.br